

editorial

OS "ISMOS" QUE ESPREITAM

Primeiro exaltaram-se os ânimos de alguns candidatos a deputados. Foram-se virando uns contra os outros - uma situação que vai decorrendo muitas vezes em surdina e que por isso é mais grave do que os arrufos públicos. O que é público é mau, mas é mais ou menos controlável.

Depois fomos informados de alegadas ameaças a determinados cidadãos que pretendiam concorrer por determinados partidos. Não nos foram fornecidas provas, pelo que não há certezas. A ser verdade, estaremos perante algo muito grave. Tão grave que sem provas nem sequer comentamos.

Por fim, cartazes do BE apareceram na ilha Terceira vandalizados com a aposição de símbolos nazis. A famosa cruz suástica. Estaremos perante nazis que se afirmam em oposição ao BE? Estaremos perante alguém que vê no BE uma qualquer forma de nazismo? De pouco importam estas cogitações. A verdade é que estas coisas não podem acontecer.

Há um défice de cidadania evidente nos Açores. Por mais que determinados poderes instalados procurem dizer o contrário, a verdade é que o nosso povo está amorfo. Não quer saber. Juntando isto a níveis de pobreza muito preocupantes, podemos estar perante um caldo de cultura capaz de promover radicalismos junto de franjas mais atrevidas da nossa socie-

dade.

É muito provável que o povo em geral continue a viver na sua apagada e vil tristeza (Camões, para quem tiver dúvidas...), sem dar "problemas", mas nem todos ficarão por aí. Assinale-se desde já que num caso e noutra há múltiplos culpados, a começar por todos quantos têm responsabilidades públicas. A começar por nós, portanto. Assumimos por completo a parte que nos possa caber. Governo, autarquias, partidos políticos, organizações da nossa sociedade, cidadãos, etc., cada qual deve fazer um exame de consciência - e decidir o que pode fazer para que o povo não continue na miséria e para que a nossa sociedade não produza radicalismos.

Este caso dos símbolos nazis apostos em cartazes do BE - não interessa o partido, claro... - deve ser esclarecido até ao osso. É preciso saber por que caminhos anda a nossa sociedade ou parte dela. É importante perceber as causas deste comportamento. Aliás, pouco mais interessa do que perceber as causas. O resto terá pouco interesse.

Os radicalismos combatem-se com qualidade de vida média aceitável e com educação, educação e mais educação para a cidadania, para o conhecimento... Os dados estatísticos dizem-nos que temos pasto fértil para o radicalismo. E o ensino deixa muito a desejar. Os "ismos" batem à porta. ❏

EDUARDO BORBA DA SILVA [10]

A irrupção dos letrados

"Aqui há tempos li uma entrevista com o Miguel Esteves Cardoso, que... afirma que os intelectuais portugueses lêem pouco ou nada e passam a vida a falar em colóquios. Pois o teor desta carta confirma, de certa maneira, a desbragada opinião do cronista."

PAULO J. RIBEIRO [11]

Vernissage

"No ano de 1999, não havendo na Praia um espaço de dimensões e condições suficientes para a realização de espetáculos, improvisou-se. Adquiriu-se uma tenda de circo. Procedeu-se à sua montagem na zona do paul e aí fez-se cultura."

JOSÉ FILIPE PINTO, PROFESSOR DE CIÊNCIA POLÍTICA

Federalismo pode ser solução para os desafios da Europa

Indefinição, populismo, nacionalismo e terrorismo dito religioso são grandes desafios à União Europeia. José Filipe Pinto, professor de Ciência Política, acredita que o futuro europeu passa pela opção federalista, com ligação aos países e aos cidadãos.

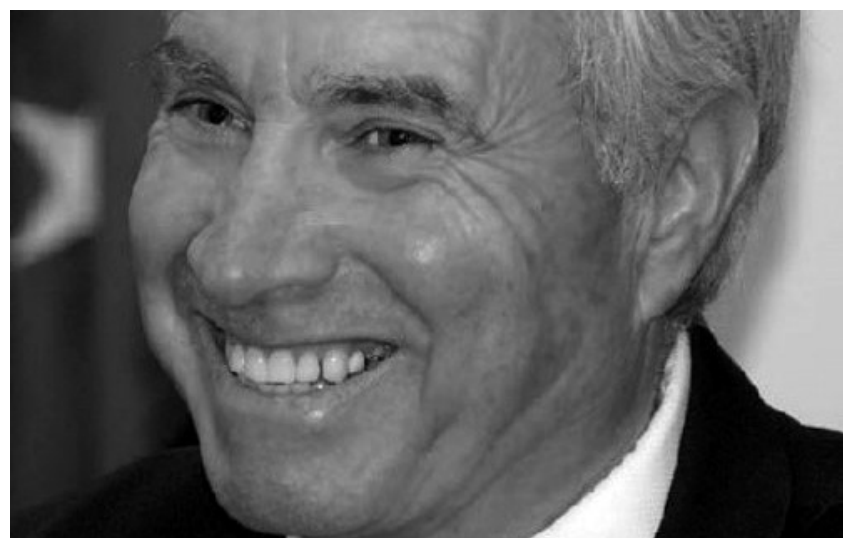
CONSIDERA QUE O SEU LIVRO «ESTADOS DESUNIDOS DA EUROPA. A HORA DO FUTURO» SURTIU NUM MOMENTO OPORTUNO?

O livro foi publicado nos dias que antecederam a chegada do surto da Covid-19 à União Europeia e, infelizmente, muito do que estamos a viver legitima as dúvidas e preocupações que resolvi partilhar com os leitores. Esta obra resultou de uma investigação que fiz ao longo de vários anos e que apontava para a dificuldade de afirmação da UE desde logo a nível interno. Uma dificuldade passível de colocar em risco a definição de uma estratégia comum para enfrentar as ameaças que se colocam à União, face ao decréscimo do número de Euroentusiastas e ao aumento dos Eurocéticos e mesmo dos Eurófobos, com uma posição totalmente pessimista. Como a União Europeia representa o mais elevado nível de integração regio-

nal e, a meu ver, dispõe de enormes potencialidades, julguei pertinente dar o meu contributo para perceber a realidade atual da UE e apresentar os vários cenários que se lhe colocam, procurando mostrar que os Estados membros só têm a ganhar se apostarem na união e num maior aprofundamento da Comunidade.

A REAÇÃO EUROPEIA À PANDEMIA ESTÁ RELACIONADA COM A TEMÁTICA DO LIVRO?

Obviamente. A leitura do livro permitirá perceber que a forma como a União Europeia, no momento inicial, respondeu à pandemia era altamente previsível porque os países transferiram um reduzido leque de competências para a Comunidade na área da saúde pública e do combate às epidemias e pandemias. Assim, cada país colocou os seus interesses imediatos à frente dos interesses coletivos e houve Estados membros que



JOSÉ FILIPE PINTO "...esta crise mostrou à sociedade que persiste a indefinição que remonta à formação da Comunidade Económica Europeia".

encerraram unilateralmente as fronteiras com outros países da União. Talvez convenha dizer que a Comissão Europeia não dispõe de poder para fechar fronteiras ou impor confinamentos e as suas competências nesta área são muito reduzidas pois limitam-se a tentar coordenar a resposta dos Estados membros. Uma coordenação difícil como ficou provado pela reação de vários desses membros, apesar de alguns deles terem recebido material adquirido pela Comissão. Essa dificuldade viria a repetir-se mais tarde quando o Conselho Europeu precisou de estender a maratona negocial sobre as medidas visando minorar os efeitos económicos e sociais da pandemia. Os denominados «países frugais» só aceitaram o acordo quando viram reconhecida a sua intenção de baixar consideravelmente o montante total das subvenções.

A PANDEMIA, PARA ALÉM DO IMPACTO SOCIAL E ECONÓMICO, TAMBÉM EXIGIRÁ DA UNIÃO EUROPEIA UMA ANÁLISE POLÍTICA?

Sem dúvida, sendo que a leitura política da pandemia deve ser feita a nível do modelo que se pretende para a UE, mas também no que concerne às implicações no quadro teórico da Ciência Política. No que diz respeito ao primeiro ponto, esta crise mostrou à saciedade que persiste a indefinição que remonta à formação da Comunidade Económica Europeia. Na realidade, os Pais Fundadores não tinham uma visão unívoca sobre a forma como esta deveria ser estruturada e qual a dimensão que a soberania de serviço dos Estados membros deveria assumir. Entre o projeto federalista de Altiero Spinnelli e a visão intergovernamentalista preconizada por Jean Monnet a diferença era grande. Uma indefinição que se mantém na atualidade e, por isso, a UE apresenta um caráter híbrido, com órgãos cujo funcionamento depende exclusivamente dos países e outros de dimensão supranacional, havendo ainda espaço para a partilha de competências.

Esta situação é responsável por aquilo que se costuma designar por défice democrático. Uma forma de dizer que os cidadãos não foram envolvidos no processo, apesar de desde 1979 disporem da capacidade de



“ESTADOS UNIDOS DA EUROPA. A HORA DO FUTURO” A leitura do livro permitirá perceber que a forma como a União Europeia, no momento inicial, respondeu à pandemia era altamente previsível

eleger o Parlamento Europeu. A elevada taxa de abstenção nas eleições para o PE é prova de que a comunidade tem sido mais um produto de gabinete do que de discussão pública, com a agravante de os cidadãos já terem percebido que não dispõem a nível comunitário dos mesmos mecanismos de escrutínio a que podem recorrer na dimensão interna. Uma situação que, a nível da Ciência Política, obriga a questionar se os cidadãos ainda se reveem na denominada democracia representativa ou se, por força da crise de representação, consideram chegado o momento para uma nova modalidade: a democracia deliberativa.

Finalmente, ainda no que diz respeito à definição do projeto europeu, havia quem quisesse privilegiar o nível de integração e quem fosse favorável à expansão ou alargamento. Como a segunda visão soube tirar partido da queda do Muro de Berlim e da implosão da URSS, a União Europeia alargou a leste sem estudos prévios de sustentabilidade e sem tomar na devida conta que o problema era mais profundo do que a passagem do modelo centrado na economia estatal controlada

pelo partido único para a economia de mercado. Não parece que tenha sido devidamente analisado o ressurgimento dos nacionalismos e regionalismos, um alfofre para o populismo. Uma das grandes ameaças ao projeto europeu.

QUAIS SÃO AS GRANDES AMEAÇAS QUE SE COLOCAM AO FUTURO DA UNIÃO?

Para além da indefinição, as grandes ameaças que se colocam são o populismo e o nacionalismo, embora não se deva omitir o perigo representado pelo terrorismo dito religioso. No primeiro caso, convirá dizer que sendo certo que nem todos os partidos populistas são contrários à UE, não é menos verdade que, sobretudo, o populismo identitário ou cultural sabe recorrer a elementos ideológicos do nacionalismo para responsabilizar a elite e culpabilizar Bruxelas, situação que prova a confluência entre esta modalidade de populismo e o nacionalismo soberanista. Além disso, vários partidos populistas antissistema ou defensores do populismo socioeconómico continuam a não se rever na comunidade ou a assumir que comungam da ideia, mas não

da práxis.

Quanto ao terrorismo dito religioso, se por um lado até pode ser encarado como fator de união face a um inimigo externo, por outro representa uma ameaça, uma vez que se alimenta da quebra de confiança nas instituições. Em 2019 registaram-se na UE 21 ataques catalogados nesta modalidade de terrorismo que se baseia em duas falácias. A primeira é que se trata de matar em nome de Alá quando a grande maioria das vítimas professa a fé no Islão. A segunda prende-se com a ideia de que o Ocidente está em luta contra o Islão e, como tal, é dever dos muçulmanos recorrerem à jihad menor. Aquela que, na sua perspetiva, legitima a guerra santa contra o Ocidente.

FACE A ESSAS AMEAÇAS QUE CENÁRIOS SE PODEM TRAÇAR PARA A UNIÃO EUROPEIA?

Existem muitos estudos sobre essa questão, desde logo o Livro Branco da Comissão Europeia que traça cinco cenários: continuidade; apenas o mercado comum; fazer mais quem quiser mais; fazer menos com maior eficiência e fazer muito mais todos juntos. Por norma, apresentam cenários hierarquizados em função de um maior ou menor grau de integração e há mesmo quem, como Erik Peterson, do think tank da A.T. Kearney, recupere designações da História da Europa - Idade Média, Renascimento, Reforma e Iluminismo – para traçar a visão prospetiva da comunidade em que é defendida a ideia de uma União a várias velocidades. Uma estratégia que não me parece a mais adequada. Julgo que a tónica deve ser colocada numa aposta mais forte na opção federalista, através da criação de órgãos supranacionais com ligação privilegiada aos países e aos cidadãos.

A União Europeia não é uma confederação ou uma federação de estados, como os Estados Unidos ou o Brasil, para formar um país, mas um projeto envolvendo países, alguns dos quais se assumiram como inimigos íntimos na longa fase denominada «Europa sangrenta». O reconhecimento dessa realidade devia ser suficiente para o processo valer a pena. Daí o subtítulo do livro. ❧